

A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteadó – Estratégias de sobrevivência pós anos 20.¹

Tatiana da Silva Calsavara*

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo resgatar a militância do educador anarquista João Penteadó após o fechamento da Escola Moderna do Belenzinho, em 1919, buscando traços de continuidade das práticas libertárias até então presentes no cotidiano escolar. Fora do ambiente da escola, o professor João Penteadó manteve relações de amizade e militância com libertários como Rodolfo Felipe, Edgard Leuenroth, Pedro Catallo, Adelino de Pinho, José Oiticica entre outros, o que pode ser verificado nas correspondências trocadas entre eles que, muitas vezes, referem-se à importância de se manter a escola dirigida por João Penteadó como parte importante do processo de resistência da militância anarquista em um momento de intensa repressão e vigilância das autoridades e da polícia. As questões colocadas pela militância anarquista a partir do fechamento da Escola Moderna relacionam-se às mudanças vividas pelo operariado no contexto político e social do período (tanto local quanto mundial). Neste momento verifica-se uma significativa produção de obras com conteúdo libertário, ainda que só houvesse “espaço para o estudo das classes dominantes”. Através da trajetória de João Penteadó pretendemos identificar, portanto, as formas de resistência de seu grupo nesse período de crise, as questões que os envolveram, e a forma como essa resistência está presente na idéia de educação que eles defendiam.

INTRODUÇÃO

Considerando que grande parte dos historiadores do movimento operário no Brasil apresentam o anarquismo como movimento “derrotado”, “ultrapassado”² e com sistemática perda de influência sobre o operariado a partir dos anos 20, é relevante observar e destacar o grande temor por parte do Estado republicano no que se referia à sua propagação no Brasil neste período. Os prontuários do DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social), por exemplo, revelam a intensa vigilância da polícia sobre os militantes considerados “perigosos” e “subversivos” durante e após os anos vinte. Intelectuais como Flávio Luizetto, Marinice Fortunato, Foot Hardman, Silvio Gallo e Paulo Guiraldelli Jr. abordaram a questão da educação racionalista, porém enfatizaram apenas o período que compreende o processo inicial de industrialização no Brasil até o fechamento das escolas modernas, dirigidas por João Penteadó, em 1919, no Brás e no Belenzinho. A educação libertária mantida após esse período

¹ Este trabalho se relaciona com outras pesquisas desenvolvidas através do Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo, desde trabalhos de Iniciação Científica até o Doutorado, que organizam e estudam o acervo oriundo da biblioteca pessoal de João Penteadó e da escola por ele fundada em 1912, sob coordenação da Professora Doutora Carmen Sylvia Vidigal Moraes.

* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Programa de pós-graduação em História da Educação e Historiografia. Orientadora: Profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes.

² Ver Carone, Edgard. *Movimento Operário no Brasil. (1877-1944)*. São Paulo. Difel. 1984.

é citada em poucos trabalhos. Raquel Azevedo, em “*A resistência anarquista – uma questão de identidade*” (1927-1937)³, procura demonstrar a sobrevivência dos sindicatos e grupos libertários entre 1927 e 1937 no Brasil, buscando traços de continuidade com sua intensa atividade no início do século XX. Lucia Parra, em “*Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP*”⁴, também apresenta questões ligadas à resistência anarquista no período, estabelecendo um perfil político e social do movimento, baseado na nacionalidade, profissão, raça e religião de seus membros. Dedicou atenção particular ao discurso policial referente aos militantes investigados e fichados pelo DEOPS. Os dois trabalhos estão fortemente relacionados à questão da perseguição sofrida pelos anarquistas no período, às dificuldades de organização e ação que enfrentaram e às formas de resistência que criaram como forma de preservar a identidade libertária. Apesar desses trabalhos, o movimento libertário mantido depois dos anos 20 é geralmente abordado pela historiografia de forma indireta, sobretudo em obras que têm como foco central o PCB e a legislação trabalhista. Edgard Carone, por exemplo, apresenta em suas obras a “fraqueza” do anarquismo frente à expansão comunista, desprestigiando-o como movimento social representativo da classe operária. Porém, em uma análise mais atenta da trajetória da militância libertária, dos documentos apreendidos pelo DEOPS, do discurso dos investigadores e das associações que continuaram a se formar no período, pode-se observar que essa posição precisa ser revista, com o objetivo de recuperar o papel histórico, político e social desempenhado por essa militância.

JUSTIFICATIVA

A posição defendida pelos anarquistas se opunha à posição defendida pelos membros do Partido Comunista e, também, das correntes trabalhistas. Enfatizavam a importância da autonomia sindical frente ao Estado e representavam uma força atuante no sindicalismo. A atuação dos libertários costuma ser minimizada nos discursos dos membros de outras correntes influentes no movimento operário e também no discurso oficial do Estado. É preciso, portanto, identificar até que ponto esses discursos (mais estudados na academia) interferiram na forma como o anarquismo é visto, ainda hoje, pela historiografia brasileira. Para uma melhor compreensão da continuidade do movimento anarquista após 1919, é preciso mapear: a) os locais onde os novos grupos libertários surgiram; b) que tipo de atividade educativa e formativa mantiveram; e, c) quais militantes os divulgaram. Através das relações

³ Dissertação de mestrado realizada junto ao Arquivo do Estado e apresentada à USP-FFLCH.

⁴ Ver Parra, Lucia. *Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP*. São Paulo, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

mantidas por João Penteados podemos identificar uma série de atividades relacionadas ao movimento libertário: eles trocam cartas, encontram-se na Nossa Chácara, nas reuniões da Federação Operária, nos Centros de Estudos e Ateneus, porém, no cotidiano, apresentam ações individuais, que são compreendidas como parte do processo de transformação social. Essas ações (práticas cotidianas) individuais também precisam ser identificadas no que se refere ao projeto de educação libertária.

É preciso levantar os esforços e inúmeras iniciativas de criação de associações no campo da educação e da cultura libertárias, lançadas e mantidas por essa militância resistente. Nos anos 20 Antonio Bernardo Canelas publica um opúsculo, *A Colméia*, sobre a experiência de educação libertária de Sebastien Faure na França. Em 1922 Carlos Dias escreve um livro sistematizando as idéias dos libertários dessa época sobre educação: *Contra a Perpetuidade do Erro e da Mentira*, editado no Rio de Janeiro. Em 1934, Maria Lacerda Moura escreve *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*, indicando que a preocupação com a difusão de uma educação libertária ainda era presente. Para Edgard Leuenroth⁵ a fundação de escolas libertárias tinha por objetivo combater o ensino estatal e religioso, carregado de credices, preconceitos e que procurava induzir os indivíduos a um espírito submisso constituindo-se um veículo de dominação capitalista. A obra⁶, publicada anos após o fechamento da escola moderna⁷, ressalta que outras escolas e cursos influenciados pela experiência de Ferrer, na Espanha, continuaram a ser abertos em São Paulo e em outros lugares do Brasil e do mundo. Ele ainda⁸ ressalta que as atividades anarquistas no Brasil raras vezes puderam decorrer normalmente, devido à intensa repressão e perseguição ao movimento e isso inclui as atividades pedagógicas desenvolvidas pelas escolas racionalistas, que também estavam sujeitas às constantes investidas e repressão por parte das autoridades republicanas.

A continuidade da rememoração de datas apontadas pela militância como significativas, segundo o seu ideário, como as mortes de Sacco e Vanzetti (23 de agosto), o fuzilamento de Francisco Ferrer (13 de outubro) e a Comuna de Paris (18 de março) revelam a necessidade de reafirmação da preservação de uma identidade. Desta forma, trata-se de

⁵ Edgard Leuenroth foi um dos fundadores da Federação Operária de São Paulo, em 1905, e tomou parte na preparação dos três primeiros Congressos Operários Brasileiros realizados em 1906, 1913 e 1920, no Rio de Janeiro. Desenvolveu intensa atividade libertária através de conferências, congressos, comícios, debates, entrevistas, produção e direção de periódicos entre outros. Reuniu durante anos de pesquisa vasta documentação constituída de livros, revistas, jornais, cartazes, folhetos, ilustrações, manifestos, correspondências etc constituindo um dos mais importantes arquivos de História Social da América Latina.

⁶ Ver Leuenroth, Edgard. *Roteiro de Libertação Social*. Editora Mundo Livre.

⁷ Florentino de Carvalho também publica, em 1927, o livro *Da escravidão à Liberdade: a Derrocada Burguesa e o Advento da Igualdade Social*, onde faz a crítica do leninismo.

⁸ Ver Leuenroth, Edgard. *Roteiro de Libertação Social*. Editora Mundo Livre.

destacar a necessidade de se realizar um mapeamento das práticas libertárias após os anos 20, práticas estas que estavam relacionadas ao que eles definiam como “ação direta”: a continuidade de publicações de periódicos libertários e obras de referência; a publicação e distribuição de panfletos e manifestos; a ampla realização de palestras, conferências, exposições orais e debates públicos; a formação de círculos de leitura e festivais libertários; as excursões de propaganda e atividades doutrinárias; a criação de grupos de teatro amador; e a formação de ligas anticlericais e antifascistas, entre outras. Essas preocupações surgiram no trabalho de conclusão da minha dissertação de mestrado e, também, com a finalização do recolhimento de novos documentos no Colégio Saldanha Marinho.

OBJETIVOS

De que forma as obras do acervo de João Penteado influenciaram sua prática como educador? O que escreveu sobre educação após o fechamento da escola pelo governo? Como se deu a atuação do movimento libertário no período destacado pela historiografia tradicional como de “crise do anarquismo”? Como Penteado e seus companheiros viram esse momento? Que obras (ou materiais) publicaram neste contexto? Quais suas ações? Se continuaram agindo, como driblaram a vigilância do Estado? Tais questões, que procuraremos responder durante a pesquisa, são, portanto, fundamentais para recuperar a trajetória da militância anarquista após os anos 20.

Tendo como foco principal a educação racionalista e como ponto de partida a reabertura da escola mantida por João Penteado, este trabalho se opõe à visão corrente na historiografia dos movimentos sociais no Brasil que apresenta a fundação do Partido Comunista em 1922 como um divisor de águas. Segundo esse ponto de vista “...a fundação do PC no Brasil inauguraria um novo período na história operária brasileira e uma demonstração do amadurecimento político dessa classe. 1922 torna-se uma data inaugural na história operária, um marco”.⁹ E também na visão de Edgard Carone: “Não podemos esquecer que até 1922 os socialistas e anarquistas de todo jaez manifestavam-se contra o regime dominante, sem no entanto terem partidos que disputassem as eleições; e desta maneira, havia toda uma limitação prática desses grupos, o que tornava sua participação reduzida a atos importantes, mas limitados (greves, luta a favor de melhores salários etc.), sem atingir no seu interior o próprio sistema dominante”.¹⁰ Outros historiadores do movimento operário no Brasil até

⁹ Ver *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Pág. 148.

¹⁰ Carone, Edgard. *O PCB – 1922 a 1943*. Lançado no 60º. Aniversário do PCB. DIFEL. Vol 1. São Paulo, 1982. Pág. 5.

criticam essa visão destacando que ela não é definitiva e que apresenta problemas, mas tal questão é apenas levantada, sem abordar, de fato, o quadro de lutas e práticas libertárias após esse período. Fazem parte dessa linha de historiadores Foot Hardman, Vitor Leonardi e Paulo Sérgio Pinheiro. Em *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*, Foot Hardman e Vitor Leonardi tocam, até mesmo, em um assunto espinhoso para os comunistas, o de que os libertários acabaram obtendo maior influência no meio sindical, e que sua atuação era mais expressiva do que os outros movimentos de esquerda existentes no período, até mesmo porque o Partido Comunista fica “condenado pelo Estado a uma quase perene clandestinidade, e teria poucas chances, antes de 1945, de se converter num partido com uma implantação minimamente enraizada na classe operária por todo o território nacional”.¹¹ Desta forma, esse trabalho busca contribuir no preenchimento dessa lacuna na História do Movimento Operário no Brasil e das práticas libertárias pós anos 20, assim como busca, também, a atuação dos militantes libertários no que se refere à educação dos trabalhadores.

BIBLIOGRAFIA

ACCIOLY, Doris & MARRACH, Sonia Alem. (Organizadoras). *Maurício Tragtenberg. Uma vida para as Ciências Humanas*. São Paulo. Editora UNESP, 2001.

AZEVEDO, Raquel. *A Resistência Anarquista – Uma Questão de Identidade (1927-1937)*. Coleção Teses e Monografias. Vol. 3. Imprensa Oficial do Estado. SP. 2002.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. *A Instrução Integral*. São Paulo: Imaginário, 2003.
_____. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.

BETTIOL, Leopoldo. *Ferrer como Educador*. Rio Grande do Sul: Biblioteca Sociedade Pró-Ensino Racionalista, 1912.

BOOKCHIN, Murray. [et. Al]. *O Bairro, a comuna, a cidade... Espaços libertários!* Editora Imaginário. São Paulo, 2003.

CARVALHO, Florentino de. *Da escravidão à Liberdade: A derrocada burguesa e o advento da igualdade social*. Porto Alegre: Renascença, 1927.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A Escola e a República*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1989.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário (O movimento operário nos anos de 1917 a 1921)*. Campinas. Pontes/Unicamp. 1988.

DIAS, Carlos. *Contra a Perpetuidade do Erro e da Mentira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Educação Nova, 1922.

¹¹ Hardman, Foot & Leonardi, Vitor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. Editora Ática. São Paulo, 1991. Pág. 285.

DIAS, Everardo. *A Ação da Mulher na Revolução Social*. São Paulo: [s.n], 1922.

FAURE, Sebastien. *La Ruche*. Niterói: Antonio Canelas, 1919.

FERRER GUARDIA, Francisco. *La Escuela Moderna. Póstuma Explicación y alcance de la enseñanza racionalista*. Tusquets Editor. Barcelona, 1978.

FORTUNATO, Marinice da Silva. *Uma experiência educacional de auto-gestão: A Escola Moderna No. 1 na sua Gênese*. São Paulo, PUC, 1992. Dissertação de Mestrado.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Forense universitária. 5^a. ed. 1997.
_____. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. Editora Vozes. Petrópolis, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Editora Contexto. São Paulo, 1998.

GRAVE, Jean. *A Sociedade Futura*. Coimbra: Biblioteca 1º de Maio, 1891.

GALLO, Silvio. *Pedagogia do Risco: Experiências Anarquistas em Educação*. Papyrus Editora. Campinas, São Paulo, 1995.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação e Movimento Operário*. Cortez Ed. 1987.

HEAFORD, Willian. *A Escola Moderna de Barcelona*. Lisboa: Guimarães Editores, 1910.

HARDMAN, Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão*. Terceira Edição, Revista e Ampliada. Editora Unesp. São Paulo, 2002.

KROPOTKINE, Pedro. *A Conquista do Pão*. Prefácio de Elisée Reclus. Guimarães & C. Editores, Lisboa, 1975.

LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo – Roteiro de libertação social*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1963.

LIMA, Adolfo. *Educação e Ensino*. Lisboa: Guimarães Editores, 1914.

LUIZETTO, Flávio. *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *O Movimento Anarquista em São Paulo: A Experiência da Escola Moderna No. 1(1912-1919)*. In. Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Ago/1986.

_____. *Cultura e Educação Libertária no Brasil no Início do Século XX*. In. Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Set/1982.

MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 1990.

MATTE, Cecília Hanna. *Tempos Modernos na Escola. Os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. EDUSC/COMPED/INEP. 2002.

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *A Socialização da Força de Trabalho: Instrução Popular e Qualificação Profissional no Estado de São Paulo – 1873 a 1934*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 1990.

MORIYÓN, F. G. (Org.) *Educação Libertária*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.

MOTTA, Benjamin. *Razão contra a Fé*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1933.

MOURA, Maria Lacerda de. *Em torno da Educação*. São Paulo: Teixeira, 1918.

_____. *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*. São Paulo: Editorial,Paulista, 1934.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2001.

NOVOA, Antonio (Org). *Sobre a educação nova: cartas de Adolfo Lima á Álvaro Viana de Lemos(1923 - 1941) / Antonio Novoa, Antonio Candeias, Manuel Henrique Figueiras*. Lisboa. s/d.

OITICICA, José. *Ação Direta*. Gerrminal. Rio de Janeiro, 1970

_____. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. Economica editorial. São Paulo, 1983.

PARRA, Lucia Silva. *Combates pela Liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)*. São Paulo, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910*. (Retrato de uma época). Carrenho Editorial, São Paulo, 2003.

PENTEADO, João. *Digressão Historica através da vida e Jaú e de seus pré-homens pelo I Centenário de sua Fundação*. São Paulo, 1953.

PINHO, Adelino de. *Quem não trabalha não come*. São Paulo: Centro Editor Juventude do Futuro, 1920.

PRADO, Antonio Arnoni. (Org.) *Libertários no Brasil. Memórias, Lutas, Cultura*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930*. 3ª. edição, Paz e Terra, 1997.

RECLUS, Élisée.

A Evolução, a Revolução e o ideal anarquista. Editora Imaginário, São Paulo, 2002.

RODRIGUES, Edgard. *Os Libertários – Idéias e Experiências Anarquistas*. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

_____. *ABC do Anarquismo*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1976.

_____. *Nacionalismo e Cultura Social. 1913-1922*. Laemmert – Rio de Janeiro.

_____. *Novos Rumos. História do Movimento Operário e das lutas sociais no Brasil – 1922/1946*. Mundo Livre.

_____. *Alvorada Operária*. Ed. Mundo Livre. 1979.

_____. *Pequeno dicionário de idéias libertárias*. CC&P Editores Ltda. Rio de Janeiro, 1999.

_____. *Os Companheiros – 3*. Editora Insular, Florianópolis, 1997.

_____. *O Anarquismo – Na Escola, no Teatro, na Poesia*. Ed. Achimé. Rio de Janeiro, 1992.

SAFÓN, Ramón. *O Racionalismo combatente – Francisco Ferrer y Guardia*. São Paulo, Editora Imaginário, 2003.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá [et al.]. *Educação Libertária. Textos de um Seminário*. Rio de Janeiro. Achimé: Rio de Janeiro/Florianópolis: Movimento-Centro de Cultura e Autoformação, 1996.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. EDUSP, São Paulo. s/d.

SOLA, Pere. *Làs Escolas Racionalistas en Catalunya*. Tusquets Editor. Barcelona, 1978.

STIRNER, Max. *O Falso Princípio da Nossa Educação*. Editora Imaginário. São Paulo, 2001.

TRATENBERG, Maurício (Org.). *Kropotkin. Textos escolhidos*. Porto Alegre. Editora L&PM., São Paulo, 1987.

VARGAS, M. Teresa & LIMA, M. Alves. *Teatro Operário em São Paulo*. São Paulo, IDART, 1977.

VASCO, Neno. *Concepção Anarquista de Sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes & (Orgs.) *Educação Não-Formal: Cenários da Criação*. Campinas, SP. Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

VARES, Luiz Pilla. *O Anarquismo: promessas de liberdade*. Porto Alegre, Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.

WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Ed. LPM, São Paulo, 1986.

_____. *Anarquismo – Uma História das Idéias e Movimentos Libertários*. LPM. s/d.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado [et al.]. *História da Educação – A Escola no Brasil*. São Paulo, FTD, Coleção Aprender/Ensinar. 1994.